

CONVERSANDO COM O MIGUEL

MEMÓRIAS MINHAS NO PRESENTE SOBRE O MIGUEL RAMOS

Teresa Monteiro Fernandes

CMAF-UL e FCUL

Bloco C-6

1700-049 Lisboa, Portugal

e-mail: tmf@ptmat.fc.ul.pt

Nas linhas que seguem tentarei contar um pouco do muito que o Miguel Ramos foi a quem não teve a sorte de o encontrar, através de pequenos sketches feitos de alguns dos melhores momentos que com ele partilhei.

Entre o Miguel e eu vão quase três licenciaturas das antigas.

Isto significa que não fomos colegas de bancos da FCUL, mas que tive a oportunidade de ser jovem professora e de o conhecer como jovem e brilhante aluno, depois como colega na matemática, em tarefas administrativas e também, talvez o mais importante, nos momentos de dor e alegria que nos surpreenderam ao longo de cerca de trinta anos.

Se me pedissem a mais curta das impressões, eu diria: inteligência, luz e interioridade, capacidade de entrega até à exaustão.

Nas aulas de Topologia Algébrica em que desbravávamos a teoria dos feixes descobri no Miguel, e tão menino!, um grau de exigência, de capacidade de perceber as coisas fininhas da matemática, de as examinar à lupa, que me fizeram ir muito mais longe, enquanto professora, do que contava. O Miguel não era um mero aluno, era um colega a quem eu guiava alguns passos e que subtilmente guiava outros meus.

Lembro-me do dia radioso de Julho (1983,1984?) em que vi chegar um carrinho a Porto Côvo onde passava férias com os meus filhos pequenos, trazendo o Miguel, a sua colega Margarida, e um calhamaço redigido em escrita miudinha contendo o produto final das nossas aulas. Com o mar à vista e o sol de verão, a gentileza e o cuidado, a perfeição do seu trabalho, não havendo mais, a nota final tinha de ser a máxima!

Pode parecer estranho o que vou afirmar, mas aquela ida a Porto Côvo com o trabalho levado à extrema perfeição foi o momento exacto em que se tornou claro para mim que o Miguel era uma estrela em ascensão.

O precioso calhamaço veio a ser de grande ajuda a um texto que muito mais tarde vim a escrever para a colecção Textos e Notas do Departamento de Matemática da FCUL.

Por alguns anos perdi-o de vista, a teoria dos feixes foi posta de lado (brincadeira de crianças), andou pela Bélgica, por outras bandas, doutorou-se, afirmou-se, como era de esperar. Só voltei a encontrar-me com o Miguel já pai de família, com a sua mulher Béatrice ao lado. A fazer a sua caminhada e a impor-se à sua geração, com total ausência de arrogância e um permanente ar de menino.

Por volta de 1994 formámos uma equipa maravilhosa (permitam-me exageros!) na direcção do CMAF, com a participação dos colegas Armando Machado, Luísa Mascarenhas e Luís Trabucho. Foi um período exigente, de decisões, de mudanças, de avaliações, e, sobretudo, de candidatura ao financiamento plurianual da FCT. O Miguel teve um papel fundamental nesse período do CMAF, pela seriedade com que encarou os aspectos mais penosos da sua gestão e nos obrigou a não descurar, antes a valorizar, a nossa imagem perante quem nos financiava e avaliava.

De novo me ocorre uma imagem risonha desses tempos, eu e o Miguel num táxi direcção Av.D. Carlos I, last minute, com a última versão de candidatura/relatório de actividades ao financiamento plurianual. Quase, se não totalmente, da responsabilidade dele, que, resignado e de bom humor, aceitou a minha incompetência nessas tarefas, não permitindo que dela resultassem falhas.

Essa recordação afável acompanhou sempre a nossa amizade, fazendo-nos sorrir e desejar (pelo menos eu) outras alturas em que pudéssemos trabalhar em conjunto. Por breves ocasiões, pontualmente, assim foi, quer com problemas de matemática cuja expressão sobrevivera à distância das nossas áreas científicas, quer no debate dos problemas do DM, quer em momentos graníticos da nossa existência em que a opinião de quem é inteligente e nos quer bem é a coisa melhor do mundo.

Grande analista, tinha sempre à mão o exemplo (ou contra-exemplo) adequado para ilustrar ou demolir alguma das minhas hesitações de mais géometra algebrista, interessando-se sempre até obter a boa resposta, porque o Miguel era generoso do seu tempo "matemático" e um grande professor. Via-se nele a preocupação de deixar tudo bem claro, sempre que havia matemática de permeio. Não havia horas, muitas vezes a resposta ou o conselho chegavam de madrugada!

Nas tarefas administrativas vinha à tona o seu lado mais sereno e quase estóico, sarapintado de humor (o que convinha na perfeição ao meu fervi-

lhar), a capacidade de deixar passar tempo até que as questões aparentemente irritantes tomassem, com um empurrão silencioso e inteligente, melhor caminho. Uma das grandes preocupações do Miguel foi, até ao fim, a liderança do DM, que ele tão bem exerceu quando foi seu presidente e onde sentimos hoje a sua enorme falta.

Na minha mente desfila com frequência o power-point dos momentos riquíssimos que partilhámos, as saúdes que fizemos, as sombras das árvores do jardim sobre a mesa onde se fazia tanta matemática e onde também se dispunham, alegremente, os deliciosos pitéus da Béatrice, onde falávamos das nossas pequenas-grandes coisas, das esperanças e das perdas.

O desespero nunca foi convidado.

Estas conversas/trocas de impressões têm continuado, apesar de não dispormos mais do tempo real para o fazer, pois tenho a veleidade de conhecer os mecanismos principais na lógica do Miguel sobre alguns dos problemas que se deparam à nossa comunidade de investigadores e professores. Ah, estas conversas acabam sempre com uma saudade imensa!

No momento certo e em breve, a luminosa trajectória científica e de dedicação profissional do Miguel vai ser lembrada com a honra e a gratidão que nos merece a todos, colegas do DM, da FCUL e colaboradores na investigação. Por isso me absterei de listar aqui outras ocasiões em que o Miguel manifestou a sua raridade, momentos de que apenas fui testemunha inactiva.

Outros o farão melhor, porque na altura estiveram lado a lado.

Lisboa, 2 de Maio de 2013

